

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL E SUA INTERFACE LEXICOGRÁFICA

Sânia Fontoura Fernandes (UFMS)

sannyferufms@gmail.com

Liliana Paredes Moreno (UFMS)

paredesmorenolily@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a tipologia textual do Atlas Linguístico do Brasil – AliB, e descrever como ele se configura como inventário lexicográfico (HAENSCH, 1997), sendo auxiliado pela teoria da Multimodalidade (PONTES, 2009) para uma melhor interpretação de suas informações. Assumindo que o Atlas se configura como um inventário lexicográfico pela natureza de suas informações, sua organização e extensão territorial abrangida (HAENSCH, 1997), busca-se também apresentar uma descrição de sua arquitetura textual sob a perspectiva da Multimodalidade (PONTES, 2009). Para tanto, a partir de uma abordagem teórico-metodológica fundamentada na Dialetoлогия, na Geolinguística e na Lexicografia, pretende-se neste trabalho lançar um primeiro olhar para a estrutura textual do Atlas, focalizando a interface entre essas áreas a fim de demonstrar a importância de trabalhos dessa natureza para os estudos geolinguísticos e lexicográficos.

Palavras-chave:

Lexicografia. Multimodalidade. Atlas Linguístico do Brasil.

ABSTRACT

This article aims to reflect about the textual typology of the Linguistic Atlas of Brazil – AliB, and to describe how it is configured as a lexicographical stock (HAENSCH, 1997), being aided by the theory of Multimodality (PONTES, 2009) for a better interpretation of its information. Assuming that the Atlas is configured as a lexicographic inventory by the nature of its information, its organization and territorial extension covered (HAENSCH, 1997), it also seeks to present a description of its textual architecture from the perspective of Multimodality (PONTES, 2009). To this end, from a theoretical-methodological approach based on Dialectology, Geolinguistics and Lexicography, it is intended in this work to take a first look at the textual structure of the Atlas, focusing on the interface between these areas in order to demonstrate the relevance of works of this nature for geolinguistic and lexicographic research.

Keywords:

Lexicography. Multimodality. Linguistic atlas of Brazil.

1. Introdução

Objetiva-se neste trabalho refletir sobre a tipologia textual na qual pode-se situar o Atlas Linguístico do Brasil – AliB. Tendo cuidado de não utilizar nenhum determinismo, procura-se aproximar em um sentido mais amplo visualizando o Atlas como um tipo textual, focando na heterogeneidade das linguagens que o compõem (verbal- escrito e visual) em uma primeira abordagem, facilita-nos classificá-lo como multimodal.

Para tanto, este artigo está dividido em três partes. Na primeira, apresenta-se os fundamentos teóricos que subsidiaram este trabalho, com enfoque na interface entre Dialetoлогия, Geolinguística e Lexicografia, tendo em vista a natureza interdisciplinar entre essas áreas. Na segunda parte, é realizada uma contextualização histórica do Atlas, sua criação, elaboração e seus parâmetros metodológicos nos quais se fundamenta. Já na terceira parte, orientado pelos pressupostos da Multimodalidade, empreende-se uma breve descrição da arquitetura textual do Atlas buscando apresentar a sua estrutura, sua linguagem (verbal – escrita e visual) e seus recursos metodológicos a fim de descrever a sua tipologia textual.

Sendo assim, valendo-se dos fundamentos teórico-metodológicos da Dialetoлогия, Geolinguística, Lexicografia e das contribuições da Teoria da Multimodalidade, este estudo procura apresentar o Atlas Linguístico do Brasil enquanto um tipo de texto multimodal, considerando a heterogeneidade de sua apresentação estrutural. Sendo elaborado com o intuito de identificar, descrever e documentar a realidade linguística de um grupo social, registrando a partir da perspectiva da pluridimensionalidade, seus contrastes diatópicos (espacial), diastráticos (sociais) e diafásicos (estilo). Destacando assim, a importância do Atlas enquanto texto científico para registrar e divulgar os estudos acerca da análise e descrição das línguas bem como importante fonte de informações para a elaboração de obras lexicográficas.

2. Pressupostos teóricos

O acervo lexical do homem está em constante expansão e variação, os fatores desse processo expansivo estão relacionados a aspectos de natureza espacial (geográfico), sociocultural, estilístico e histórico. Para cada aspecto dos estudos lexicais há uma ciência ou disciplina correspondente que os elegem como centro de estudo, dentre elas a Dialetoлогия, a Geolinguística e a Lexicografia, embora todas se relacionem entre si, dado caráter interdisciplinar observado entre essas áreas.

Para auxiliar nos estudos acerca do léxico, tem-se a Dialectologia, ramo dos estudos dialetais, que trata da análise e descrição das línguas em suas variadas formas de uso. Tem como tarefa descrever e comparar as diferentes formas de falar de uma comunidade linguística, com enfoque para a dimensão geográfica (diatópica).

Consolidou-se enquanto um campo sistemático de estudo no século XIX, na França, com a elaboração do Atlas Linguístico da França – ALF (1902–1910), de autoria do romanista Jules Gilliéron e de seu colaborador Edmond Edmont. Em relação à importância do ALF, Brandão (1991, p. 11), assinala que corresponde a uma “obra monumental, que viria a constituir um marco dos estudos dialetológicos e muito contribuiria para o progresso da ciência da linguagem”. A confecção do ALF abriu caminho para o desenvolvimento e expansão dos estudos dialetológicos, à medida que esses estudos foram se aprimorando a Dialectologia foi se fortalecendo e expandindo seus domínios para além do continente europeu. Particularmente no Brasil, os estudos dialetológicos obtiveram grande prosperidade.

Com o advento da Sociolinguística, firmada como uma área científica na década de 60, a Dialectologia passa a considerar a questão da variação linguística advindas das variáveis sociais, assim, fatores como idade, sexo, classe social, nível de escolaridade, dentre outros, passam a ser considerados para a descrição e análise da língua, tornam-se elementos de investigação (CARDOSO, 2002, p. 1).

Ao par da Dialectologia, caminha a Geolinguística, que focaliza os estudos a respeito das variações linguísticas. Constitui-se de um método dialetológico que surgiu no início do século XX. Se ocupa da extensão e da distribuição da língua no espaço (diatópica), registrando a diversidade dessa língua em mapas cartográficos – os Atlas Linguísticos. Segundo Coseriu (1982).

[...] a Geolinguística trata da distribuição da língua no ambiente, ou seja, da propagação espacial dos fatos linguísticos: na medida em que se considera a terra como habitat natural do homem e, ao mesmo tempo, consideram pertinente ao seu objeto todas as realizações humanas que tenham extensão no espaço. (COSERIU, 1982, p. 79)

Assim sendo, atualmente, os estudos dialetológicos buscam registrar e analisar sistematicamente a língua e suas variações, visando descrever e documentar cartograficamente os usos linguísticos de um grupo social, com enfoque no eixo espacial e social.

A Lexicografia por sua vez, é a área que objetiva organizar e compilar sistematicamente o léxico de uma língua no dicionário. A elaboração de dicionários situa-se no terreno da Lexicografia prática, no entanto, ao par desta se apresenta a Lexicografia teórica, também denominada de Metalexicografia, que trata dos estudos críticos do dicionário, dos problemas quanto sua elaboração, sua tipologia, e das teorias e princípios teórico-metodológicos em que se fundamentam a Lexicografia. A correspondência dessas duas vertentes denota que

[...] o carácter eminentemente prático que possui a lexicografía está fora de toda dúvida – como um âmbito científico novo que circunscribe um objeto múltiplo, já que sua finalidade não é apenas um dicionário mas também, e fundamentalmente, a investigação que trata do dicionário¹. (ANGLADA ARBOIX, 1991, p. 7) (tradução nossa)

Conforme a Lexicografia foi se desenvolvendo, outros ramos de sua atuação foram surgindo a depender do seu objeto de estudo, dentre essas ramificações, tem-se a Lexicografia Dialetoal ou Regional, voltada para o registro das diversidades da língua distribuídas diatopicamente, conforme assinala Ahumada (2001):

[...] a lexicografía regional ou dialetoal pode ser entendida como aquele ramo da Lexicografía que se ocupa da redação tanto de dicionários diferenciais como integrais da variação diatópica de uma língua, isto é, a formalização lexicográfica das variedades espaciais de uma língua em seu sentido mais amplo². (AHUMADA, 2001 *apud* ARNAL PURROY, 2002, p. 1055) (tradução nossa)

É nessa linha de estudo lexicográfico, que se observa a relação interdisciplinar entre Dialetoal, Geolinguística e Lexicografia, resultando numa interface entre essas disciplinas.

Conforme sua trajetória, a Lexicografia se expande e, sob a influência dos estudos desenvolvidos pela dialetoal, surge a Lexicografia dialetoal, ou regional, com a função de fazer o registro das variantes linguísticas de um país e/ou de regiões. (MARINHO, 2018, p. 38)

¹ Em original: “el carácter eminentemente práctico que posee la lexicografía está fuera de toda duda – como un ámbito científico nuevo que circunscribe un objeto múltiple y a que su finalidad no es solo un diccionario, sino también y fundamentalmente, la investigación que trata del diccionario”.

² Em original: la lexicografía regional o dialetoal ha de entenderse como aquella rama de la lexicografía que se ocupa de la redacción tanto de diccionarios diferenciales como integrales de la variación diatópica de una lengua, esto es, de la formalización lexicográfica de las variedades espaciales de una lengua en su sentido más amplio.

Esse ponto de convergência denota a importância e a contribuição dos estudos dialetológicos e geolinguísticos para o fazer lexicográfico. Uma vez que as investigações e pesquisas dessas áreas possibilitam a atualização e validação das variedades linguísticas registradas nos dicionários. Esses estudos também propiciam às obras lexicográficas maior fiabilidade, permitindo assim, o registro das variedades linguísticas com mais propriedade e de maneira mais precisa. Sobretudo é no campo da Geolinguística, que a Lexicografia encontra um terreno amplo e valioso de materiais para a elaboração dos dicionários. Sendo os atlas linguísticos a maior fonte de informações para as produções lexicográficas, em particular para a Lexicografia Dialetoal. Alvar³ (1980) atesta o exposto,

[...] se queremos uma lexicografía rigorosa ou uma etimología segura ou uma semântica bem fundamentada, não temos escolha a não ser recorrer aos atlas lingüísticos modernos, e não por serem uma panacea universal – o que não são – mas pela simples verdade de que facilitam uma rica informação, localizada e em conexão com outros campos de pesquisa. (ALVAR, 1980, p. 67) (Tradução nossa).

Como se vem descrevendo, tradicionalmente, existe uma proximidade muito forte entre a Lexicografia (regional/dialetoal) com a Geolinguística, e isto acontece segundo Monteiro, (2011) em dois sentidos:

A Geografia Linguística contribui para a confecção de obras lexicográficas gerais – temos como exemplo as marcas de uso geográficas em dicionários gerais. [...]. Em contrapartida, a Lexicografia, tradicionalmente, contribui para a Geografia Linguística ao validar muitas das palavras/termos que aparecem nos Atlas linguísticos que, comumente, apresentam um glossário após o conjunto das cartas linguísticas. (MONTEIRO, 2011, p. 69-70).

Pode-se perceber dessa forma, a relevante interface entre a Dialetoal, a Geolinguística e a Lexicografia. Porém, a relação entre os Atlas Linguísticos, considerados como “produtos da Dialetoal e da Geolinguística, e os dicionários, produtos da lexicografia” (SANTOS; PONTES, 2020, p. 56), são pontos de convergências poucos explorados, e que nessa ocasião busca-se fazer uma breve aproximação.

Sendo assim, entendemos ser importante e pertinente as contribuições que os Atlas Linguísticos conferem às produções Lexicográficas,

³ Em original: si queremos tener una lexicografía rigurosa o una etimología segura o una semántica bien fundamentada, no queda otro remedio que recurrir a los Atlas lingüísticos modernos, y no porque sean una panacea universal – que no lo son – sino por las encilla verdad de que facilitan una información riquísima, localizada y en conexión con otros campos de investigación.

sendo bem aceitos e úteis pelos lexicógrafos, já que é visto por estes como fontes de possíveis benefícios, e isto sem a intenção de restar importância ao lugar que ocupa o dicionário, é o que salienta Moreno Fernandez (2003, p. 18) a respeito, alegando ainda que não se trata de que o Atlas substitui os dicionários, se não que eles se enriqueceriam e precisariam muito seus lemas e suas acepções se incluíssem na sua metodologia algumas partes da informação que o Atlas pode fornecer.

Vale ressaltar aqui como exemplo do papel valioso que a Geolinguística presta à Lexicografia, um importante empreendimento, o Projeto Dicionário Dialectal Brasileiro – DDB, trata-se da construção do primeiro Dicionário Dialectal do Brasil, que se valendo dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil tem como objetivo

[...] conjugar de forma abrangente língua e cultura, no sentido de permitir o conhecimento mais abrangente possível da relação dialetal que se estabelece, através do léxico, nas comunidades que o utilizam. (MACHADO FILHO, 2010, p. 68)

A confecção dessa obra dicionarística sublinha o significativo aporte metodológico e a relevância que os Atlas propiciam a produções dessa natureza. Tecidas essas considerações, a seguir, atendendo ao objetivo proposto neste trabalho realiza-se uma contextualização histórica do Atlas Linguístico do Brasil.

3. *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) – percurso histórico*

A necessidade e a importância de descrever e mapear a língua portuguesa e suas variantes era reivindicada por filólogos e linguistas brasileiros já nas primeiras fases dos estudos dialetológicos no Brasil. Desde esses momentos estudiosos como Amadeu Amaral, Nascentes e Nelson Rossi chamavam a atenção para a elaboração de um atlas linguístico nacional.

Tamanha relevância pela consecução desse empreendimento despertou interesse também do Governo Brasileiro, o que na ocasião, o levou a promulgar o Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952. O artigo 3º deste Decreto estabelecia como principal finalidade a elaboração de um atlas linguístico do Brasil. Este ato normativo corresponde à primeira manifestação favorável oficial à elaboração de um Atlas linguístico do Brasil. Tal ato foi regulamentado pela Portaria nº 536, de 26 de maio do

mesmo ano. Com este evento começa então a germinar a semente do que veio a se constituir o Atlas Linguístico Brasil.

No entanto, devido à grande extensão territorial brasileira, já salientada por Nascentes (1958), a empreitada na elaboração dos Atlas partiu do âmbito regional para posteriormente abordar um campo mais amplo de caráter nacional. Foi assim que em 1963 publica-se o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, o primeiro atlas linguístico brasileiro de caráter regional (CARDOSO, 2010, p. 141). Após a publicação deste atlas, vários outros foram publicados, mas que devido aos limites deste estudo, não serão aqui abordados.

Atendendo aos anseios dos estudiosos e em cumprimento aos atos normativos determinados pelo Governo brasileiro, depois de mais de 60 anos da emissão dos referidos atos, retomando a ideia de elaboração do atlas, na ocasião do encerramento do Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* ocorrido em Novembro de 1996 no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, professores e pesquisadores empenhados com os estudos dialetológicos no Brasil assinam a *carta de Salvador*⁴ (1996), tendo em consideração que:

[...] c) a necessidade de desenvolver-se, no campo da geografia linguística, um trabalho orgânico e geral no território brasileiro, RECONHECEM que é chegado o momento de elaborar-se o Atlas Linguístico do Brasil e para tanto decidem empenhar-se no desenvolvimento de ações que levem à consecução desse desiderato, constituindo um Comitê Nacional que se encarregará da implementação imediato do projeto. (CARDOSO *et al*, 2014, p.21)

A partir desse evento, fica instituído o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, sendo composto em seu primeiro momento, por Suzana Alice Cardoso, como Diretora Presidente, Jacyra Andrade Mota – Diretora Executiva e 11 Diretores Científicos (CARDOSO, 2012, p.858).

Seguindo os fundamentos da dialetologia, o Atlas Linguístico do Brasil volta-se de maneira geral à consecução de quatro objetivos, que Cardoso (2010), assim os apresentam:

i) a descrição da realidade linguística no âmbito espacial; ii) fornecer dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa; iii) possibilitar a indicação de caminhos que evidenciem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais campos

⁴ A carta de Salvador foi redigida por Cardoso e assinada por todos os membros do Comitê do Projeto ALiB em novembro de 1996, para este trabalho, utiliza-se a versão constante do Atlas Linguístico do Brasil, v. I, 2014.

do conhecimento; iv) propiciar o reconhecimento do português brasileiro como instrumento social de comunicação heterogêneo, contendo uma variedade de normas de uso. (CARDOSO, 2010, p. 170-171)

Observando as orientações de Nascentes constantes em suas *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958 e 1961), e pautados nos princípios da geolinguística pluridimensional, a metodologia do Atlas apresenta: a rede de pontos, o perfil dos informantes, os questionários linguísticos e a realização dos inquéritos linguísticos experimentais. Situa-se neste tópico também: a apresentação dos dados linguísticos que conta com as cartas linguísticas e os estudos interpretativos referente aos aspectos dos dados cartografados.

A rede de pontos corresponde a um total de 250 localidades distribuídas geograficamente por todo o país e selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais, dentre outros. Como assinala Cardoso (2010, p. 171), para a seleção das localidades não se considera exclusivo o critério de antiguidade e isolamento, ampliando seu campo investigativo, focando assim, não apenas na dimensão diatópica como também em outras dimensões como a diastrática e a diafásica.

Os informantes devem ser naturais da localidade pesquisada e ter pais também da mesma localidade. Na perspectiva da dimensão social, o quantitativo de informantes conta com um número total de aproximadamente 1100 informantes, sendo quatro para as localidades interioranas com nível de escolaridade até o ensino fundamental, e oito nas capitais de Estado, destes, quatro com formação universitária. Para as dimensões – diageracional e diasexual, foram contempladas duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos abrangendo os dois sexos. (CARDOSO, 2010, p. 172).

Para a coleta dos dados, ainda de acordo com a mesma dialetóloga, utiliza-se do questionário linguístico aplicado aos informantes de forma dirigida, sendo composto de três tipos, abrangendo os seguintes níveis: a) fonético-fonológico – com 159 perguntas, inserindo nesse nível, 11 questões de prosódia; b) semântico-lexical com 202 perguntas e c) morfossintático com 49 perguntas. A esses três tipos, acrescentam-se ainda: quatro questões de pragmática, temas para discurso semidirigidos constituído de relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal; seis perguntas de metalinguística e um texto para leitura intitulado – a “Parábola dos sete vimes”. Vale ressaltar que a coleta dos dados foi realizada in loco, abrangendo uma extensão territorial brasileira que se es-

tende do Oiapoque (ponto 0001) ao Chuí (ponto 250), perfazendo um total de 8.511.000 km².

Quanto aos inquéritos linguísticos experimentais, foi publicada em 1998, uma primeira versão dos questionários, atendendo às solicitações dos pesquisadores, com vista a conhecer e testar esse instrumento metodológico do Atlas, permitindo a aplicação dos inquéritos de maneira experimental (CARDOSO 2010, p. 173).

Quase duas décadas depois de uma árdua, porém, rica e produtiva caminhada trabalhando na elaboração do Atlas, em novembro de 2014 na Universidade Federal de Londrina-PR, a “família” ALiB colhe seus primeiros frutos, lançando os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil. Percorrido esse percurso histórico do Atlas, passamos à análise de sua arquitetura, buscando lançar um primeiro olhar para sua estrutura textual.

4. *Arquitetura do Atlas Linguístico do Brasil – breve descrição*

Considerando a natureza de sua linguagem e de seu conteúdo de caráter científico e informativo, o Atlas Linguístico do Brasil tem como finalidade descrever, informar e transmitir conhecimentos científicos da área dos estudos lexicais, precisamente no campo da Dialectologia, Geolinguística e da Lexicografia, possui uma terminologia própria dessas áreas e está voltado para um público científico, acadêmico e pesquisadores não somente das áreas lexicais: lexicólogos, lexicógrafos e dialetólogos, como também permite subsidiar os demais profissionais, às investigações e pesquisas de outros ramos do conhecimento como a história, a antropologia a sociologia rural entre outras.

O Atlas Linguístico do Brasil de acordo com a natureza de seus dados configura-se como um tipo de mapa de terceira geração, e corresponde ao atlas pluridimensional, já que conforme a metodologia geolinguística, considera além da variação diatópica (geográfica), outras dimensões como diageracional, diassexual, diafásica – estilo e diastrática - social. (CARDOSO *et al.*, 2014, p. 122).

Partindo da perspectiva da interface entre a Geolinguística e a Lexicografia, visualizaremos o Atlas como um repertório lexicográfico, de orientação onomasiológica, uma vez que ao manusearmos o Atlas Linguístico do Brasil percebe-se que sua arquitetura textual apresenta simila-

ridades com a estrutura de obras lexicográficas. Esse pensamento encontra-se concordância em Haensch (1997).

Se interpretarmos o conceito de repertório lexicográfico em sentido amplo, há que mencionar como tipo destes os atlas linguísticos (...). Estes podem ser considerados como inventários onomasiológicos, uma vez que se preocupam pelas denominações de um referente em distintos pontos de um perímetro determinado (uma região, um país), mas como oferecem materiais geograficamente diferenciados, podem ser considerados também como repertórios que registram léxico com marcação diatópica⁵ (HAENSCH, 1997, p. 81) (tradução nossa).

Portanto, observa-se então que a correspondência do Atlas com obras dicionarísticas deve-se entre outros aspectos, a sua apresentação estrutural e ao fato do Atlas apresentar em sua cartografia o registro do léxico com marcação diatópica. Tendo em vista a diversidade de sua linguagem (verbal-escrita e a visual), pode-se considerá-lo como um texto do tipo multimodal, fato que também se assemelha às obras lexicográficas de acordo com Pontes (2009), assunto que será abordado mais adiante. Enquanto repertório lexicográfico, a sua orientação científico-descritiva é também outro ponto em comum com obras lexicográficas, como se observa em Arnal Purroy (2009) ao tratar da finalidade científico-descritiva de produções dessa natureza.

Nos dicionários examinados é geral, porém, o objetivo de contribuir para o conhecimento da variedade dialetal em questão, descrevendo seu léxico particular (...) além do léxico, o usual é estudar também os traços fônicos e gramaticais do dialeto. É o caso dos repertórios lexicográficos⁶ (ARNAL PURROY, 2009, p. 120, tradução nossa).

Segundo Haensch (1997), os Atlas podem ser concebidos como produtos lexicográficos, levando em consideração a natureza de suas

⁵ Si interpretamos el concepto de repertorio lexicográfico en sentido amplio, hay que mencionar también como un tipo de ellos los atlas lingüísticos (...). Estos se pueden considerar como inventarios onomasiológicos, puesto que se preocupan por las denominaciones de un referente en distintos puntos de un perímetro determinado (una región, un país), pero como ofrecen materiales geográficamente diferenciados, se podrían considerar también como repertorios que registran léxico con marcaje diatópico.

⁶ Em original: En los diccionarios examinados es general, en cambio, el objetivo de contribuir al conocimiento de la variedad dialectal de que se trate mediante la descripción de su léxico particular (...) además del léxico, lo habitual es estudiar también los rasgos fónicos y gramaticales del dialecto. Es el caso de los repertorios lexicográficos.

informações, assim também o estudioso afirma que tem essa concepção pela própria organização do Atlas, como já foi indicado.

Em primeiro momento, se fizermos uma analogia entre a estrutura organizacional do dicionário e as partes do Atlas linguístico, pode-se dizer que assim como em alguns dicionários, os Atlas têm uma organização que apresenta diversos níveis e partes que se complementam entre si. Então, pode-se ver como essas partes do Atlas se assemelham com partes, denominadas por muitos dicionaristas de *estruturas*⁷.

Ao manusearmos um Atlas Linguístico, primeiramente não se pode percebê-lo somente como um conjunto de cartas linguísticas. O Atlas apresenta muitas informações, e isto com o intuito de ambientar o leitor sobre o que se deve esperar a respeito desse universo de pesquisa. Por exemplo, os dados nele inseridos tratam a respeito de “informantes entrevistados, localidades contempladas (rede de pontos), questionários utilizados, níveis linguísticos contemplados, dentre outras informações” (MONTEIRO, 2011, p. 71).

Ao abrir o Atlas, podemos nos deparar com vários gêneros textuais, este, aqui entendido segundo a perspectiva de Marcuschi (2002); Douglas Biber (1988) e John Swales (1990) como uma noção propositalmente vaga referente aos textos materializados que se encontra no dia a dia apresentando características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica, que dão as boas-vindas ao leitor dentro da obra, informando-o sobre como manusear a obra que ele tem em mãos. Há o que se conhece, ao menos na tradição da Geolinguística brasileira, como *apresentação das cartas* que indica ao leitor como deve proceder, para extrair o melhor dessa informação e otimizar sua pesquisa. Por outro lado, na parte posterior do Atlas, onde terminam as cartas, se podem apreciar índices onomásticos, referências bibliográficas, fichas utilizadas na pesquisa e alguns glossários. Nessa analogia, o que formam parte dos textos externos no dicionário, seriam a introdução, a apresentação das cartas e o índice onomástico no Atlas; já o conjunto das cartas seriam a macroestrutura do Atlas assim como cada carta corresponderia a um verbete. Para melhor compreensão debruçamos um pouco mais sobre as partes do Atlas Linguístico do Brasil.

⁷ Segundo Pontes (2009) e Monteiro (2011), as partes que constituem os dicionários são denominadas por muitos lexicógrafos, por *estruturas*.

4.1. Sobre os níveis estruturais do Atlas Linguístico

Os Atlas Linguísticos possuem diversos *níveis estruturais*, e para compreender com mais detalhes vamos nos focar nas três estruturas fundamentais (conforme figura 1, mais abaixo). Num primeiro momento o leitor se depara com o que se conhece como a *megaestrutura*, e nela se encontram as páginas iniciais, nas quais geralmente estão: apresentação, introdução, informações sobre os informantes, a rede de pontos, e as notas de esclarecimentos para a leitura do Atlas, no Corpo do Atlas situam as Cartas, que neste trabalho estão sendo entendidas como um conjunto de verbetes lexicográficos (HAENSCH, 1997)e, igualmente compartilha desse entendimento Monteiro (2011), ao admitir os termos *cartas lexicográficas* e *cartas-verbetes*; e finalmente, nas páginas finais do Atlas pode-se encontrar as informações complementares em forma de anexos, apêndices, também estão os glossários, as fichas dos informantes e da localidade entre outras informações.

Na *macroestrutura* ou segundo nível estrutural, pode-se verificar o conjunto das Cartas lexicográficas, um acontecimento que é válido apontar aqui, é que em alguns Atlas se apresenta uma espécie de subestrutura, conhecida como *medioestrutura*, e que se mostra de forma implícita muitas vezes, dentro de uma mesma carta, comumente isso sucede na leitura das legendas.



Figura 1: Estruturas lexicográficas do Atlas Linguístico do Brasil (Fonte de elaboração própria).

Já no último nível ou *microestrutura* do Atlas Linguístico, situam-se as Cartas lexicográficas que possui ao mesmo tempo: o nome da carta, o mapa da rede de pontos e as legendas, e onde se encontram também as variantes que são coletadas dos informantes sobre um mesmo referente,

esta parte geralmente possui uma organização onomasiológica (MONTEIRO, 2011, p. 74).

Nesse último nível ou *microestrutura*, dependendo do Atlas, segundo (Monteiro, 2011) a composição dos elementos da carta quase nunca é fixa e unificada, excetuando o nome da carta, o mapa e as legendas que são informações indispensáveis de todo Atlas. Para uma melhor explicação sobre o estudo da estrutura do Atlas, e tendo em consideração a diversidade de sua linguagem textual (verbal - escrita e visual), foi considerado de muita importância basear esta parte do estudo na multimodalidade, tema que será abordado na sequência.

5. Sobre a Multimodalidade – TM

Hoje em dia, é difícil pensar em meios de expressão que sejam exclusivamente verbais, porque além das palavras podemos conseguir nos expressar por meio das imagens, sons, gestos, cores, símbolos, e outros tipos de expressões, por exemplo. É por isso que falar de construção de texto, contemporaneamente, não é só falar da linguagem verbal, e sim referir a um ramalhete de possibilidades semióticas que se complementam.

Com o advento da era tecnológica e digital, essas variadas formas de expressão e de produção de sentidos vêm se transformando consideravelmente, e para compreendermos melhor como se encaixa o aspecto multimodal do texto lexicográfico dentro desta tendência contemporânea, ao qual temos nos referido anteriormente e nos debruçamos agora, é necessário revisitar alguns estudiosos que descrevem a teoria multimodal, e as teorias que influenciaram decisivamente as bases da TM.

Torna-se difícil adentrar à TM (teoria da multimodalidade) sem antes mencionar os seus primórdios com base em termos metodológicos da Gramática do Design Visual (GDS) impulsionados por Kress e Van Leeuwen (2006), assim como também na teoria da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), que é uma perspectiva de análise linguística, desenvolvida pelo pesquisador Michael Holliday no final dos anos 80, que considerava que o sistema tomava forma pelos usos da língua, através do tempo, e não ao contrário. Para este estudioso, a linguagem é um recurso que ajuda a construir significados, que serão desenvolvidos em contextos sociais específicos.

Segundo Holliday, os contextos sociais e culturais são muito relevantes para fazer escolhas e entender os diferentes modos semióticos existentes. Em poucas palavras segundo Azevedo e Ribeiro (2018), Holliday sustenta a ideia de que, como usuários da língua, somos capazes de produzir “textos condicionados por sistemas socialmente instituídos, assim como subordinados aos contextos sociais e culturais” (AZEVEDO; RIBEIRO, 2018, p. 18).

Da mesma forma, salienta Silvestre e Vieira (2015, p. 141) ao seguir a perspectiva da função do texto nos seus múltiplos contextos, ou seja, “aquilo que as pessoas fazem com os textos, são importante na construção do ato comunicativo”, sendo que “as necessidades sociais, culturais e políticas têm levado o homem a procurar novas formas e tecnologias de comunicação, bem como novas teorias de linguagem” (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 7), o que significa que falando sobre construção de textos, forma e função não pode ser separados.

Para entender melhor o aspecto multimodal sobre os Atlas como possíveis textos lexicográficos, como é apontado por Pontes (2009), é necessário observar como Kress e Van Leeuwen (2006), apresentam sua Teoria da Multimodalidade (TM), ao afirmar que o texto multimodal constrói significados através de mais de um meio semiótico. Fato que é possível de perceber nos trabalhos lexicográficos conforme registra Pontes (2020), uma vez que nestes tipos de textos se apresentam diversos modos de linguagem, como: símbolos, figuras, gráficos, imagens, sons, etc., e que todos esses elementos atuam para a construção de sentidos não somente através do código verbal. Na mesma linha de pensamento, entende-se que as “ações como falar, ler, escrever, gesticular, desenhar, são meios dos quais o homem se utiliza para se comunicar com os demais, produzindo significados sociais” (HODGE; KRESS *apud* AZEVEDO; RIBEIRO 2018, p. 19).

Nesse sentido, a Gramática do Design Visual (GDV) de Kress e Van Leeuwen (2006), foi elaborada com o objetivo de facilitar a compreensão desses textos multissemióticos que circulam na sociedade, e com o intuito de se realizar uma análise desde o ponto de vista descritivo e culturalmente orientado. A *GDV* ao ter sido inspirada pela *GSF* de Halliday, geralmente apresenta três funções: representacional, interativa e composicional. E dependendo das possibilidades de aplicação das categorias da *GDV* em textos considerados lexicográficos, como dicionários e algumas cartas léxicas demonstram que já foram atestadas em trabalhos acadêmicos.

Segundo Aroucha (2008), graças à multimodalidade podem-se realizar estudos dos mapas, por exemplo, pelo fato de que eles são constituídos de imagens e palavras, e assim, ao mesmo tempo representam a linguagem visual e verbal. "Os recursos semióticos utilizados na confecção do mapa são estabelecidos conforme a necessidade, o contexto de uso e a intenção de quem produz o mapa" (AROUCHA *apud* MONTEIRO, 2011, p. 76).

Nessa perspectiva, e na mesma linha de pensamento referente a Teoria da Multimodalidade, é possível afirmar que o estudo das formas se subordina e se adere ao estudo das significações, assim salienta Azevedo e Ribeiro (2018) apontando que isso acontece, "numa espécie de "sintaxe visual" que equaciona valor formal e valor semântico para a explicação de regularidades encontradas em estruturas visuais produzidas na cultura ocidental" (AZEVEDO; RIBEIRO, 2018, p. 21).

É importante pontuar que a proposta deste trabalho não foi debruçar em profundidade sobre a Teoria da Multimodalidade, mas sim discutir como ela pode contribuir significativamente para a interpretação do Atlas Linguístico como produto lexicográfico, e apresentar uma breve descrição das características da arquitetura textual do Atlas, porque vale pontuar ainda que ao trabalhar com a TM questões relacionadas aos Atlas, e a organização dos mesmos, possibilita o desenvolvimento crítico do leitor, auxiliando-o a ter maior êxito na sua pesquisa. E dessa forma a contribuição da TM pode ajudar a construir o valor semântico da união de imagem e texto, deixando de lado a superficialidade de pensar que o aspecto visual é mera ilustração ou enfeite, e demonstra também que a diversidade semiótica da linguagem apresenta uma significação que se relaciona conjuntamente entre si dentro do texto.

6. Considerações finais

Considera-se importante resgatar o objetivo deste estudo, que recaí em refletir sobre a tipologia textual do Atlas Linguístico do Brasil, e descrever como ele se configura como um produto lexicográfico sendo auxiliado pela teoria da Multimodalidade para uma melhor interpretação de suas informações.

Como foi destacado no decorrer deste trabalho, acreditamos que a compreensão do tipo de texto apresentado no Atlas, e o método correto de sua manipulação podem trazer ao leitor maiores benefícios e melhores

interpretações do seu conteúdo. Acreditamos ainda, que a correta utilização de qualquer recurso para a interpretação de significados se enquadra num trabalho responsável e de qualidade. Também vale ressaltar que é difícil definir somente um tipo de texto ao qual pertence o Atlas Linguístico do Brasil, sendo assim, devido a heterogeneidade de suas informações, eles efetivamente são multimodais.

Os Atlas linguísticos são importantes auxiliares para muitas pesquisas e investigações, assim como os dicionários, já que oferecem uma grande quantidade de riqueza de materiais coletados e trabalhos minuciosamente realizados. Assim como salienta Isquierdo (2007) ao afirmar “que os Atlas linguísticos são de grande valia, pois fornecem dados confiáveis acerca do grau de disseminação de uma variante lexical e que é garantido segundo sua própria metodologia” (ISQUERDO, 2007, p. 199).

Dessa forma, não só os lexicógrafos já perceberam a significativa contribuição que um atlas linguístico pode oferecer, mas vale abrir essa percepção para todos aqueles leitores que se interessem pela criação, desenvolvimento e uso do léxico, sejam eles alunos de escolas ou de universidades, professores e pesquisadores de todas as áreas, porque ao final, o uso do léxico não tem fronteiras, é aberto e dinâmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGLADA ARBOIX, Emília. Lexicografía, metalexicografía, diccionario, discurso. *Sintagma*, n. 3, p. 5-11, 1991.

ARNAL PURROY, Maria Luisa. Proyecto para el Diccionario diferencial de español de Aragón. Cuestiones preliminares. AFA, LIX-LX, 2002-2004, In: CASTAÑER, Rosa Maria; ENGUITA, José Maria (Eds). *Archivo de filología aragonesa. In memoriam Manuel Alvar*. p. 1055-1073.

_____. *¿Para qué y para quién hacemos los diccionarios diferenciales? A propósito del Diccionario diferencial del español de Aragón*. *Archivo de Filología Aragonesa*, 65, 2009, p. 113-37

ALVAR, Manuel. *Atlas Lingüístico y diccionarios*. AIH. Actas VII. Centro Virtual Cervantes, p. 53-73, 1980.

AZEVEDO, Ana Paula Bezerra Matos de; RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araújo. *Por uma introdução à teoria da multimodalidade: uma*

abordagem panorâmica para professores de língua(gem). Universidade Estadual de Montes Claros, 2018.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil*. v. 1. Londrina: EDUEL, 2014.

_____; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Antecedentes e estágio atual. *Alfa*, São Paulo, 56,3 p. 855-870, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. A Geolinguística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*. v. 4, n. 2, p. 1-16, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088/6442>. Acesso em: 19 fev. 2020.

COSERIU, Eugênio. *O Homem e sua linguagem*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

HAENSCH, Günther. *Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI – problemas actuales en lexicografía; los distintos diccionarios; una guía para el usuario; bibliografía de publicaciones sobre lexicografía*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997.

ISQUERDO, Aparecida Negri; A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ALVES, Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. V. 3. Campo Grande, MS: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. London, New York: Routledge, 2006.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 41, p. 49-70, 2010.

MARINHO, Clécia Maria Nóbrega. *O Léxico Regional/Popular de Graciliano Ramos em Caetés, São Bernardo e Vidas Secas: Uma análise*

léxico-semântica. 2018. 113 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba-PB. João Pessoa-PB. 2018.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Los estudios dialectales sobre el Español en España (1979-2004). *Revista LEA – Lingüística Española Actual*, XXVI, v. 6, n. 1, p. 65-100, 2003.

SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos; PONTES, Antônio Luciano. Aspectos multimodais de cartas léxicas de dois Atlas Linguísticos cearenses. *Acta Semiotica et Linguistica*, Paraíba, ano 44, v. 25, n. 1, p. 54-66, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/issue/view/2519>. Acesso em: 10 out. 2020.

VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminda; O gênero como elemento multimodal da atividade humana. In: SILVEIRA, Carminda. *Introdução à Multimodalidade contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional Análise de Discurso Crítica Semiótica Social* – Brasília-DF: J. Antunes Vieira, 2015.